

QUINTA-FEIRA / 6 DE JANEIRO / 2022 WWW.ARQUIDIOCESE-BRAGA.PT



IGR[∞]IA Viva

ENTREVISTA

"A CONVERSÃO DE INÁCIO GEROU COMUNIDADE E SINODALIDADE"

MIGUEL MELO, SJ
COORDENADOR DO ANO INACIANO NA PROVÍNCIA PORTUGUESA DOS JESUÍTAS

P. 04-05

INTERNACIONAL

“Usar máscara na missa é um pequeno sacrifício que agrada a Deus”, diz padre



© GETTY IMAGES

Usar uma máscara de alta filtragem sobre o nariz e a boca na missa “é um pequeno sacrifício que podemos trazer para o altar como uma oferta agradável a Deus pelo bem de todos os seus filhos”, disse o padre Roberto Colombo, geneticista e membro da Pontifícia Academia para a Vida.

À medida que a variante Ómicron de Covid-19 se espalhou pela Itália e o governo promulgou medidas mais rígidas para os não vacinados, os bispos italianos repetiram que o certificado de vacinação não é necessário para participar na missa, mas todos na congregação devem usar uma máscara, manter o distanciamento social e receber a comunhão apenas na mão.

Colombo, que lecciona na Universidade Católica da Escola de Medicina do Sagrado Coração de Milão e é membro do Comité Nacional de Bioética do governo italiano, disse que usar máscara na igreja é “um sinal de caridade pastoral” e uma medida necessária para manter as igrejas abertas.

Escrevendo a 2 de Janeiro no *Avvenire*, o jornal diário da conferência dos bispos italianos, o padre Colombo disse que as regras para as liturgias públicas elaboradas pelo governo e autoridades da Igreja em Maio de 2020 – após quase dois meses sem celebrações públicas da eucaristia – cumpriram o objectivo de proteger a saúde das pessoas sem sobrecarregar as paróquias ou os indivíduos.

O sacerdote disse que também ajudou à situação o facto de, segundo estatísticas do governo a 3 de Janeiro, mais de 89% dos italianos maiores de 12 anos terem recebido pelo menos uma dose da vacina Covid-19 e quase 86% da população estar totalmente vacinada. Muitas dioceses exigiram que os padres e outros agentes pastorais fossem totalmente vacinados se quisessem ministrar.

A alta taxa de vacinação, disse o padre Colombo, é especialmente importante porque significa que “os idosos e as pessoas mais frágeis também podem participar nas celebrações comunitárias com segurança”, pois as vacinas “reduzem a probabilidade de contrair COVID-19 nas suas formas sintomáticas mais graves”.

No entanto, afirmou, como a variante Ómicron é altamente contagiosa, as pessoas deveriam começar a usar máscaras de alta filtragem na missa.

“Além do sentido cívico de responsabilidade pelo bem comum, nas nossas comunidades cristãs existe também a caridade pastoral, que pede a todos – ministros e fiéis – uma atenção especial no uso da máscara correcta”, afirmou.

“Claro, pode ser desconfortável, especialmente para os idosos, mas é um pequeno sacrifício que podemos levar ao altar como uma oferta agradável a Deus pelo bem de todos os Seus filhos”.

INTERNACIONAL

Francisco pede aos jovens de Taizé que sejam “artífices da unidade” num mundo polarizado



© DR

Nos últimos dois anos, foi adiado o 44º Encontro Europeu da Juventude que a comunidade de Taizé costuma organizar no final do ano.

A cidade anfitriã neste tempo tem sido Turim, no norte da Itália. Há menos de um mês, a comunidade ecuménica já informava que “não seria possível realizar o Encontro Europeu em Turim” de forma ordinária.

A nova data é de 7 a 10 de Julho de 2022, sempre na cidade italiana; embora uma primeira parte virtual tenha sido organizada de 28 de Dezembro a 1 de Janeiro, com transmissões de orações nas quais participaram alguns irmãos da comunidade com jovens de Turim.

Para esta ocasião, o Papa Francisco enviou uma mensagem assinada pelo Secretário de Estado, o Cardeal Pietro Parolin, transmitindo a sua proximidade “no pensamento e na oração” aos jovens participantes.

Convidou os jovens a “tornarem-se artífices da unidade” num mundo cada vez mais polarizado. “O vosso encontro acontece num momento de grande preocupação. Muitas pessoas perguntam-se: o nosso planeta tem futu-

ro? Que responsabilidades devemos assumir para protegê-lo e tornar a Terra habitável?”, questionou.

Na mensagem, é pedido aos jovens que, em vez de “cederem ao derrotismo”, respondam a essas perguntas e procurem juntos respostas na escuta da palavra de Deus.

“É quando estamos juntos que o Espírito de Deus sopra de maneira especial”, diz a mensagem, referindo-se ao caminho sinodal para procurarem “estar mais disponíveis para a obra do Espírito”.

“Optaram por não desviar o olhar do sofrimento humano e das urgências do momento, mas olhar para essas realidades com a confiança de que são parte das soluções. Porque, se não falta preocupação, não é menos verdade que o Espírito de Deus não para de trabalhar e de dar vida aos criadores da fraternidade, da solidariedade e da unidade”, sublinha.

Por último, o pontífice pediu “ao Espírito Santo que os abençoe, jovens católicos, ortodoxos e protestantes, que se vão unir ao Encontro Europeu”, para “que continuem a ser peregrinos de confiança onde quer que o Senhor os envie” com a ajuda de Maria.



PAPA FRANCISCO

4 DE JANEIRO 2022 · Dando-nos o seu Filho Jesus, Deus nos oferece uma fraternidade baseada no amor real, capaz de encontrar o outro diferente de mim, de compadecer-me dos seus sofrimentos, aproximar-me e cuidar dele mesmo que não seja da minha família, da minha etnia, da minha religião.

5 DE JANEIRO 2022 · São José, tu que amastes Jesus com amor de pai, estas próximo de tantas crianças que não têm família e desejam um pai e uma mãe. Ampara os cônjuges que não conseguem ter filhos, ajuda-os a descobrir um projecto maior.

VATICANO

Papa diz que católicos não devem ter medo de recorrer à adoção

O Papa desafiou ontem os católicos que querem ser pais a considerar o projeto da adoção, numa reflexão dedicada às crianças que esperam por uma família.

“Não se deve ter medo de escolher o caminho da adoção, de assumir o risco do acolhimento”, declarou, no Auditório Paulo VI, na primeira audiência geral de 2022.

Francisco recordou as crianças que, em todo o mundo, “estão à espera de alguém que cuide delas”, alertando para o “egoísmo” de muitas pessoas que levou a um “inverno demográfico”.

“Cães e gatos ocupam o lugar dos filhos”, lamentou, rezando para que se “despertem as consciências”. “Ter filhos é sempre um risco, sejam naturais, sejam adoptivos, mas o maior risco é não os ter, negar a paternidade, negar a maternidade”, o que diminui o ser humano e a sociedade, que perdem essa “riqueza”.

“Espero que as instituições estejam sempre prontas a ajudar neste sentido, controlando seriamente, mas também simplificando o procedimento necessário para que se possa tornar realidade o sonho de tantos pequeninos, que precisam de uma família, e de tantos cônjuges, que desejam entregar-se com amor”, desejou.



OPINIÃO

100 anos das Irmãs do Espírito Santo

EMÍLIA GARCÊS

MISSIONÁRIA DO ESPÍRITO SANTO

O Instituto das irmãs do Espírito Santo tem o seu fundamento na jovem Eugénie Caps, de quem recebeu o carisma e o ideal de Vida Religiosa Missionária. Desde muito cedo, por influência da Infância Missionária, é impelida à busca interior de Deus, que ela procura em si, fora si, em todo tempo e lugar.

Em 1915, após a Comunhão, vê, por uma luz interior, uma Assembleia de Religiosas Missionárias que aumenta à medida que se espalham pelas Missões e, no seu coração, compreende que é desejo de Jesus que seja ela a iniciadora de uma nova obra de Irmãs Missionárias. Tal como Libermann, ela crê que “É-se sempre feliz, quando se está com Jesus, mesmo que seja no Calvário”.

Procurando um sinal providencial, descobre os escritos espirituais do Venerável Pe. Libermann e neles identifica o itinerário místico que já vivia e o Espírito Missionário que quer implementar no seu Instituto. Eugénie sente que há agora maior Luz e contacta os Missionários Espírito Santo. Em 1920, Mons. Alexandre Le Roy, superior geral dos Missionários do Espírito Santo, de passagem pela França, toma conhecimento da intuição e sonho desta jovem e vê a acção da Providência Divina,

pois andava à procura de missionárias para os Camarões. Num encontro com Mons. Le Roy e as jovens Eugénie e Lucie, em Paris, estes determinam que um novo Instituto, exclusivamente missionário, será fundado, tendo o seu próprio regulamento, missão e nome: Irmãs Missionárias do Espírito Santo e do Imaculado Coração de Maria. A fundação dá-se na festa da Epifania, em 1921, na paróquia de Farschwiller, Lorraine, França, com a primeira comunidade: Eugénie Caps e mais duas companheiras. Estamos assim a celebrar o nosso primeiro centenário.

A nossa espiritualidade tem três pilares: a relação mestre-discípula, a docilidade ao Espírito e o testemunho da santidade e missão de Cristo.

A nossa acção e vocação é sermos enviadas a evangelizar os “povos cujas necessidades são muito grandes e que são os mais abandonados na igreja de Deus”. Estamos presentes em 4 continentes: Europa, África, Ásia e América. Vivemos em comunidades internacionais e somos originárias de 16 países: Canadá, Brasil, Haiti, Portugal, França, Holanda, Filipinas, Angola, Nigéria, Senegal, Guiné-Bissau, Congo Brazzaville, República Centro-Africana, Moçambique, Cabo Verde e Camarões, onde vivemos desafios bem diversos.

Não somos para ensino ou para a saúde, somos para ir onde a Igreja ainda não teve alguém para enviar, e o nome de Jesus Cristo não é procla-

mado, nem conhecido. Privilegiamos, pelo nosso carisma, servir na evangelização, em comunhão com a Igreja local, sempre que os contextos o permitam. Há meios onde estamos que o anúncio explícito nos está vedado. Nestes meios, a nossa acção e anúncio do Evangelho são mais discretos. Então, as obras sociais – educação, saúde, formação feminina, justiça e paz – vão ao encontro das necessidades dos povos mais desfavorecidos e proporcionam a evangelização testemunhal junto de pessoas de várias confissões religiosas e de diversos estratos sociais.

Também o diálogo inter-religioso e a proximidade com os chefes tradicionais são o caminho essencial para uma convivência pacífica e uma missão de conjunto. Há contextos de animismo em que é muito difícil a adesão à fé, sobretudo dos mais velhos, mas convivemos harmoniosamente e é possível nas escolas um primeiro anúncio aos mais jovens. Nas situações de excessiva pobreza, terrorismo, guerra, perseguição religiosa, e com os refugiados e deslocados, procuramos viver a proximidade, contribuindo com os recursos que dispomos, sejam eles humanos, espirituais, materiais, no intuito de rasgar horizontes de fé, de esperança, prosseguindo nas pegadas do Mestre: “Onde quer que nos encontremos, o essencial é dar testemunho do amor, de modo que a nossa própria vida anuncie o Senhor”.



ENTREVISTA

"ERA UM HOMEM SEMPRE EM ORAÇÃO"

JOÃO PEDRO QUESADO (ENTREVISTA)

O ANO INACIANO COMEÇOU A SER CELEBRADO PELA COMPANHIA DE JESUS A 20 DE MAIO DE 2021 E DURA ATÉ 31 DE JULHO DESTE ANO. O ANO MARCA OS 500 ANOS DA CONVERSÃO DE SANTO INÁCIO DE LOYOLA – MAIS CONCRETAMENTE, DO PROCESSO DE CONVERSÃO. MAS QUE PROCESSO É ESTE? O QUE LEVOU INÁCIO, UM GUERREIRO, A CONVERTER-SE AO PONTO DE DAR ORIGEM AOS JESUÍTAS? MIGUEL MELO, O PADRE JESUÍTA QUE DIRIGE O CENTRO ACADÉMICO DE BRAGA, EXPLICA UM POUCO DESTE ASSUNTO AO IGREJA VIVA.

[Igreja Viva] Que episódio é este da conversão de Santo Inácio?

[Miguel Melo, sj] O que aconteceu na vida de Santo Inácio pode ser lido de uma maneira micro, a partir do evento que deu início à conversão, e macro, no sentido em que a conversão de Santo Inácio não foi, simplesmente, um momento, mas, se olharmos com vagar para todo o caminho que ele descreve naquilo que depois se veio a chamar a auto-biografia – a história que ele narra a um jesuíta português que depois a escreve e a que se pode chamar um relato do peregrino, que era como ele se chamava a ele próprio. Neste caminho, Santo Inácio vai, pouco a pouco, percebendo aquilo a que Deus o está a chamar. Olhando dessa forma micro, por assim dizer, o que acontece é que Santo Inácio, aos 26 anos – por uma série de acontecimentos na vida dele –, está a defender a cidade de Pamplona, em conjunto com um número de homens bastante inferior ao dos franceses, e a derrota é mais ou menos inevitável mas, por causa do que ele concebia então como valentia, ele convence todos os castelhanos a lutar contra o rei francês. Na batalha que se segue, ele é ferido por causa de uma bala de ca-

nhão. O que é interessante é a maneira como, no período posterior, em reconhecimento da valentia dele, um comandante francês ‘devolve-o’ para que ele possa ter um período de convalescença. Aí ele regressa a Loyola e chega-lhe ao conhecimento algumas biografias de santos e da vida de Cristo. Antes em desejava mais ler livros sobre a vida de grandes cavaleiros, mas como não estavam disponíveis a cunhada dele deu-lhe livros que estavam disponíveis lá em casa, que eram sobre a vida de santos e a vida de Cristo. Esta parte é importante porque ele começa a perceber que, sempre que imagina regressar à Corte e estar com a mulher dos sonhos dele, que ninguém sabe muito bem quem era, há uma grande alegria inicial mas, assim que deixa de pensar fica triste, cansado e, sempre que pensa em imitar os santos e ser como Cristo, há umas energias que nascem nele, uma alegria que não só surge mas que permanece. E Santo Inácio esteve quase a morrer e, inclusive, pediu para fazer uma operação desnecessária simplesmente para ter a perna em condições para usar as botas que se usavam na Corte, numa altura em que as operações eram sem anestesia e uma carnificina – por-

tanto vê-se que era uma pessoa muito determinada e até punha tudo em risco pelo seu êxito. É nesta fase que Santo Inácio começa a perceber que parece que, no seu próprio interior, há sinais sobre o que ele próprio deve fazer. Este é o momento que, de alguma maneira, despoleta tudo o resto. A partir daqui, ele começa a perceber que nem todas as coisas têm a mesma densidade, e que se sente movido a seguir os santos e a tentar seguir esta pista. Acho que podemos ver a conversão como Inácio a seguir pistas que Deus vai dando e que o levam a empreender uma viagem, a querer ir à Terra Santa, a ficar em Manresa, à beira de Barcelona, na expectativa de ir a Jerusalém – e é aí que percebe que o ideal dele de seguir os santos quase que o leva ao suicídio, porque parece que está a tentar competir com os santos num nível quantitativo, de fazer por rezar mais horas que eles, por exemplo. Aí começou a deixar de procurar imitar santos e a fazer o seu próprio caminho de santidade. Percebe-se que são constantes, mais do que apenas um momento. O Ano Inaciano está muito pautado por este momento de Pamplona, Loyola e Manresa, e o lema é “Ver novas todas as coisas”, que relembra esta vi-

são interior que ele tem quando as tais peças se encaixam e ele percebe que o caminho de santidade é ser um peregrino, alguém que vai seguindo as pistas de Deus, como os peregrinos que vão a Santiago e seguem as setas amarelas.

[Igreja Viva] O Ano Inaciano reflecte este episódio precisamente pelo tema, então?

[Miguel Melo, sj] Exactamente. Também estamos num período eclesial no qual há uma necessidade de ver novas todas as coisas, num sentido que pode ser muito concretizado, por exemplo, nas diversas crises mundiais que temos experimentado e às coisas é preciso dar respostas a partir daquilo que somos – como a crise de sentido durante a pandemia, a crise de

sentido no tipo de economia e no tipo de relações laborais que temos, até na própria crise eclesial, com os vários problemas que têm vindo a acontecer e dos quais os relatórios sobre os abusos sexuais são simplesmente um entre muitos sintomas. É necessário, mais do que reforçar instituições ou começar coisas novas, ter atenção à questão da atitude, ao desafio de ver novas todas as coisas que significa como olhamos para este tempo não só como um tempo de oportunidade mas também um tempo em que Deus está a trabalhar. Não somos empresários solitários das coisas divinas, temos de ver como encontramos Deus a trabalhar neste tempo, mesmo não sabendo as respostas – o que nos pode colocar na tal atitude





[Santo Inácio] começa a perceber que o chamamento não é para deixar de dar exercícios, mas para esperar. São conversões de um homem que deixa o ego de lado para que as coisas possam ter mais fruto.

de de Inácio, de perceber que não se trata de fazer mímica do passado, mesmo sendo ele importante, mas entender como é que, a partir do passado, também nos tornamos capazes de escutar a Deus nos acontecimentos. Acho que esse é o grande desafio, que toca tudo. Como é um desafio ao nível das atitudes, não toca apenas os indivíduos, toca as comunidades, toca as obras apostólicas, toca em tudo.

[Igreja Viva] Qual é a visão mais macro do episódio da conversão?

[Miguel Melo, sj] Eu acho que a visão macro é que Santo Inácio percebeu que Deus não é, simplesmente, um Deus fora da nossa experiência diária, mas é um Deus que se dá a conhecer na História. A conversão é o fruto do encontro com Deus. Se o encontro com Deus se dá na História, então a conversão também se dá na História. A visão macro é a história de Inácio, toda a história de Inácio num constante encontro com Deus nas situações, na qual ele se vai convertendo. Dando exemplos: Inácio queria ir a Jerusalém. O objectivo dele era ficar lá e evangelizar. Quando lá chega, por causa dos conflitos que havia na Terra Santa, o superior dos Franciscanos diz-lhe que tem que voltar. San-

to Inácio diz que não quer, que acha que esse não é o caminho dele, que Deus não lhe está a pedir isso, e o superior força-o a voltar, usa da autoridade que tem e explica-lhe que a situação era muito complicada para alguém poder ir para aquela zona evangelizar livremente, sem pôr em risco as relações frágeis que se iam construindo. Inácio regressa e começa a pensar no que é que, afinal, Deus lhe pedia. Quando chega começa a perceber que, para ajudar as pessoas, tem que estudar. Começa por estudar em Barcelona, depois Salamanca, depois Alcalá e depois Paris. Neste percurso, ele começa a perceber que as experiências espirituais que ele ia fazendo – e que ia registando num livrinho que se viria a tornar nos Exercícios Espirituais – davam-lhe sempre vários problemas. Um dos problemas que lhe foi apontado quando ele foi preso e julgado pela inquisição era que ele não tinha formação teológica. Quando ele chega a Paris, os exercícios tornam-se uma coisa muito mais discreta, para alguns amigos, e que ele volta a fazer sobretudo quando já tem formação teológica. Ele começa a perceber que esse é um chamamento não para deixar de dar exercícios, mas a esperar. Tudo isto são conversões de um homem que deixa, no fundo, o ego de lado para que as coisas possam ter mais fruto. E então, quando chega a Paris, deixa de dar exercícios. Vivendo com um grupo de amigos, todos eles começam a ficar cheios deste desejo de seguir a Jesus como Inácio e fazer os exercícios e ele, então, aí, dá-lhes os exercícios e juntam-se, muitas vezes, para partilhar a sua vida de oração e o seu dia-a-dia, e começam a ponderar a possibilidade de viverem aquilo como um chamamento conjunto. Aí começam uma nova conversão. E, em Montmartre – ao pé da Basílica do Sagrado Coração, em Paris – um voto de pobreza e de castidade. É algo muito progressivo. A conversão é todo o processo até ao fim da criação da Companhia de Jesus. Fica mais evidente se olharmos para o princípio e para o fim. No início temos um soldado, um guerreiro que move os outros para uma batalha perdida simplesmente porque é forte. No final temos um Inácio que, como escrevem os padres que viviam com ele, além de ser

trabalhador até não dar mais, tinha uma sensibilidade incrível – chorava quando rezava a Liturgia das Horas, quando via plantas comovia-se com a beleza da Criação... Era um homem sempre em oração. Os companheiros dele diziam que Inácio era contemplativo até na acção. A evidência de uma conversão constante vê-se aqui, num fruto de uma coisa que não nasce de um dia para o outro, ou simplesmente de uma visão. A conversão que nós precisamos para a Igreja, como diz o Papa Francisco, não é uma questão de espaços, de voltar a dominar espaços. É uma questão de processos, de tempo. Temos que ver como aquela ferida despoletou uma conversão que foi acontecendo e que foi comunitária, não foi individual. A conversão gerou comunidade e gerou sinodalidade.

[Igreja Viva] Esta conversão pode resumir-se a viver de forma “sabiamente ignorante” nas mãos de Outro?

[Miguel Melo, sj] É uma bela expressão que vem, ela própria, de Inácio. Ajuda a revisitar este sentido da conversão mais progressiva. No final da sua vida, Inácio está a escrever as constituições dos Jesuítas – juntamente com outros padres, que o estão a ajudar – e debate-se com uma questão: será que as casas de Jesuítas já formados devem, ou não, ter rendas? No fundo, como é que se vive a pobreza ao mesmo tempo que se tem condições mínimas? A expressão surge nessa altura, no diário espiritual, porque o caminho de conversão que Deus inspira através dele é um processo. Há um saber que vem deste abrir dos olhos para a densidade do impacto afectivo das coisas em nós, mas por outro lado é ignorante porque está a ser conduzido a um outro sítio. No fundo, é uma maneira de descrever o caminho de Inácio e o caminho proposto neste Ano mas, se quisermos, é uma expressão muito bonita para descrever várias coisas que acontecem na Bíblia, como o caminho do povo de Israel no Êxodo. Na sinodalidade, isto não equivale a perceber que a tradição é deixar-nos guiar pelo Espírito? Sábios porque temos uma tradição que nos orienta, ignorantes porque quem se atreve a entrar na história de Deus sabe que o imprevisível é o mais habitual.



“Os discípulos acreditaram n’Ele”

II DOMINGO COMUM

ITINERÁRIO

O Círio Pascal estará aceso, junto do ambão, se possível com flores brancas ao redor.

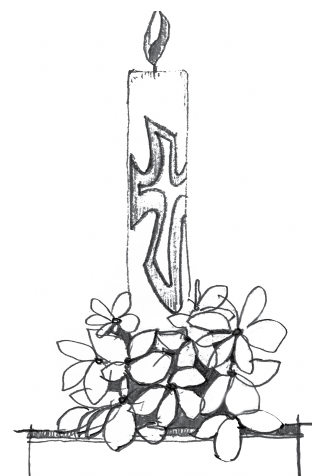


ILUSTRAÇÃO DA ARQ. MARIA TAVARES



LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I Is. 62, 1-5

Leitura do Livro de Isaías

Por amor de Sião não me calarei, por amor de Jerusalém não terei repouso, enquanto a sua justiça não despontar como a aurora e a sua salvação não resplandecer como facho ardente. Os povos hão-de ver a tua justiça e todos os reis a tua glória. Receberás um nome novo, que a boca do Senhor designará. Serás coroa esplendorosa nas mãos do Senhor, diadema real nas mãos do teu Deus. Não mais te chamarão “Abandonada”, nem à tua terra “Deserta”, mas hão-de chamar-te “Predilecta” e à tua terra “Desposada”, porque serás a predilecta do Senhor e a tua terra terá um esposo. Tal como o jovem desposa uma virgem, o teu Construtor te desposará; e como a esposa é a alegria do marido, tu serás a alegria do teu Deus.

Salmo responsorial

Salmo 95 (96), 1-3.7-8a.9-10a.c (R. 3)

Refrão: Anunciai em todos os povos as maravilhas do Senhor.

LEITURA II 1 Cor 12, 4-11

Leitura dos Actos dos Apóstolos

Irmãos: Há diversidade de dons espirituais, mas o Espírito é o mesmo. Há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. Há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos. Em cada um se manifestam os dons do Espírito para o bem comum. A um o Espírito dá a mensagem da sabedoria, a outro a mensagem da ciência, segundo o mesmo Espírito. É um só e o mesmo Espírito que dá a um o dom da fé, a outro

o poder de curar; a um dá o poder de fazer milagres, a outro o de falar em nome de Deus; a um dá o discernimento dos espíritos, a outro o de falar diversas línguas, a outro o dom de as interpretar. Mas é um só e o mesmo Espírito que faz tudo isto, distribuindo os dons a cada um conforme Lhe agrada.

EVANGELHO Jo 2, 1-11

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João

Naquele tempo, realizou-se um casamento em Caná da Galileia e estava lá a Mãe de Jesus. Jesus e os seus discípulos foram também convidados para o casamento. A certa altura faltou o vinho. Então a Mãe de Jesus disse-Lhe: “Não têm vinho”. Jesus respondeu-Lhe: “Mulher, que temos nós com isso? Ainda não chegou a minha hora”. Sua Mãe disse aos serventes: “Fazei tudo o que Ele vos disser”. Havia ali seis talhas de pedra, destinadas à purificação dos judeus, levando cada uma de duas a três medidas. Disse-lhes Jesus: “Enchei essas talhas de água”. Eles encheram-nas até acima. Depois disse-lhes: “Tirai agora e levai ao chefe de mesa”. E eles levaram. Quando o chefe de mesa provou a água transformada em vinho, – ele não sabia de onde viera, pois só os serventes, que tinham tirado a água, sabiam – chamou o noivo e disse-lhe: “Toda a gente serve primeiro o vinho bom e, depois de os convidados terem bebido bem, serve o inferior. Mas tu guardaste o vinho bom até agora”. Foi assim que, em Caná da Galileia, Jesus deu início aos seus milagres. Manifestou a sua glória e os discípulos acreditaram n’Ele.

REFLEXÃO

Alegria e harmonia vivem-se hoje no seio de cada comunidade cristã, repleta de diversidade e unida pelo mesmo vínculo: “é

um só e o mesmo Espírito que faz tudo isto, distribuindo os dons a cada um”.

“É um só e o mesmo Espírito”

A segunda leitura de hoje dos próximos domingos do tempo Comum (Ano C) dá a conhecer fragmentos da Primeira Carta aos Coríntios. Com estes textos vamos continuar a ‘série’ sobre a caminhada sinodal proposta pelo Papa Francisco. Em Outubro, foi oficialmente inaugurado este processo que vai decorrer até 2023, a partir do tema “Para uma Igreja sinodal: comunhão participação e missão”. Estamos, agora, na fase diocesana, o tempo (até Abril) em que as paróquias são convidadas a implementar os meios mais adequados para a todos envolver nesta dinâmica. Como referimos no primeiro ‘episódio’, o Espírito Santo é o protagonista: “Sem o Espírito, não haverá Sínodo”, alerta o Papa Francisco. Algo semelhante ao que Paulo recorda aos cristãos de Corinto sobre a iniciativa do Espírito Santo em favor da comunidade. A centralidade do Espírito Santo não tem como efeito a uniformidade; a acção do Espírito faz a unidade. É o segundo ensinamento que retiramos deste texto: o Espírito conserva a unidade, sem abafar a diversidade. Aliás, a diversidade é essencial em qualquer processo comunitário. A uniformidade, também podemos dizer unicidade, só tem uma cor, só admite uma ideia, só prefere um caminho, só vê uma saída, em suma, está só, à volta de si mesma. A unidade acontece através da harmonia de todas as cores. A unidade acolhe as diferenças como uma riqueza. Por isso, a diversidade de opiniões não é uma ameaça, é uma dádiva para a melhoria de todos, para o bem comum. A saudável diversidade, portanto, não pode ser motivo para divisão ou desconfiança, para exibição

ou benefício pessoal, mas para dinamizar a comunidade.

Este é o ‘sonho’ de Deus ao dar o Espírito: uma Igreja, uma paróquia, que se abre à criatividade gerada pelo Espírito Santo para que todos, caminhando juntos, cresçam em comunhão; uma comunidade que escolhe viver em unidade, porque acredita que “é um só e o mesmo Espírito” que está na origem da diversidade e é esse mesmo Espírito que a todos congrega na unidade.

Crescer na comunhão

Todos os baptizados somos chamados a ser activos na Igreja. Estamos dotados de diferentes dons para a renovação e a edificação da Igreja. Este é o grande motor de qualquer processo sinodal. Juntos, com as características próprias de cada um, podemos ir mais longe. Caminhamos juntos para crescer na comunhão e na missão que nos é confiada por Deus. Precisamos de vencer a tentação do conflito e da divisão. As sementes da divisão não dão frutos. É inútil tentar impor as nossas ideias, através da pressão. É inútil tentar desacreditar quem sente as coisas de modo diferente de nós. O respeito pela diversidade faz nascer e crescer a comunhão. Permitamo-nos ser conduzidos pelo único e mesmo Espírito que em todos habita e em todos faz despertar os seus dons.

Reflexão preparada por Laboratório da Fé in www.laboratoriodafe.pt

Semear caridade

Acólitos

Os ministros do altar são atores num mistério que os ultrapassa infinitamente. Neste ponto, eles são bem simbolizados pelos serventes das Bodas de Caná. Estes obedecem a Maria que lhes diz para obedecerem a Jesus. Eles enchem as



EUCOLOGIA

Orações presidenciais: Orações do Domingo II do Tempo Comum (*Missal Romano*, 396)

Oração Eucarística: Oração Eucarística V/A com prefácio próprio (*Missal Romano*, 1157ss)



SAIR EM MISSÃO DE AMAR

A missão desta segunda semana do Tempo Comum procurará ajudar-nos a reconhecer e a aprofundar o sentido da presença de Jesus no nosso dia-a-dia. Por isso, quando entrarmos na casa de alguém ou cumprimentarmos uma pessoa, vamos propor a jaculatória: “louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo”.



SUGESTÃO DE CÂNTICOS

- **Entrada:** Cantai ao Senhor um cântico novo – F. Silva
- **Apresentação dos dons:** Um só Senhor – L. Deiss
- **Comunhão:** Disse a Mãe de Jesus – F. Santos
- **Final:** Somos testemunhas de Cristo – Az. Oliveira

talhas de água e levam depois o vinho novo ao chefe de mesa. Empenhados na obediência de quem serve, eles participam num mistério que vai muito além dos gestos que executam.

Leitores

O leitor encontra-se dilacerado entre dois extremos: por um lado, ele sente-se incapaz e indigno de emprestar a sua voz a própria Palavra de Deus, por outro lado, a obediência ao chamamento e a urgência da evangelização obrigam-no a falar. Como Isaías, ele pode dizer simultaneamente: “sou um homem de lábios impuros” e “por amor de Sião não me calarei”. Por isso, a sua atitude deve ser de humilde ousadia.

Ministros Extraordinários da Comunhão

O MEC não é somente aquele que executa com diligência os serviços solicitados. Ele deve também exercer o ministério da atenção. Maria viu que faltava alguma coisa na Boda. O MEC também deve não só levar o Pão da Vida a quem pede. Ele deve também estar atento a quem lhe falta

o “vinho da alegria”. Quantos não poderão ser desafiados a receberem Jesus em sua casa? Devemos não só gerir o que há, mas ver o que falta.

Músicos

A música é por excelência a arte da unidade na diversidade. Um tambor não é um violino e um soprano não é um tenor, e, mesmo dentro dos sopranos, cada um tem um timbre próprio. Todavia, a beleza consiste em que cada um manifeste os dons do Espírito para o bem comum. Sendo dóceis, o Espírito Santo realizará em nós a dupla missão de nos tornar todos diferentes nos diversos dons e todos unidos num único louvor.

Celebrar em comunidade

Preparação Penitencial

V. Senhor, que nos dais continuamente sinais vivos do vosso amor fiel, apesar das nossas infidelidades à Aliança: Senhor, tende piedade de nós.
R. Senhor, tende piedade de nós.
V. Jesus Cristo, que na vossa relação sponsal com a Igreja nos amais até ao

fim: Cristo, tende piedade de nós.

R. Cristo, tende piedade de nós.

V. Senhor, que na diversidade de dons e operações curais as nossas divisões com a força da vossa unidade: Senhor, tende piedade de nós.

R. Senhor, tende piedade de nós.

Evangelho para a vida

S. Paulo fala na segunda leitura na diversidade de dons que provêm do mesmo espírito: “há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo”. Paulo falava para uma comunidade em que as divisões eram frequentes; por isso, procura exortá-la a viver na unidade. Para isso, é preciso integrar a novidade e a originalidade que o outro tem para oferecer. Neste sentido, S. Paulo recorda que não somos donos dos nossos dons. Eles provêm do Espírito! Cada um deve ser acolhido e integrado para ser colocado ao serviço da comunidade. “Sempre se fez assim” não pode ser o lema para uma Igreja que se quer renovar. Precisa incarnar e integrar a novidade e os desafios que os jovens

querem trazer, na confiança que o Espírito também age mediante os seus dons. Por isso, vamos apostar na integração dos jovens na comunidade.

Apresentação dos dons

No momento do ofertório, dar destaque ao Pão e ao Vinho, sendo apresentados por alguém que venha da assembleia.

Oração Universal

Irmãs e irmãos: oremos a Deus, nosso Pai, que nos chamou, por meio do Evangelho, a tomar parte na glória de Nosso Senhor Jesus Cristo, e digamos (ou: e cantemos):

R. Ouvi, Senhor, a nossa súplica.

1. Para que os nossos pastores sirvam todas as pessoas em santidade e se alegrem com os dons de cada um, oremos.

2. Para que o Senhor nos livre do pecado, nos faça experimentar a vida do Espírito e nos ensine a ser amigos uns dos outros, oremos.

A versão completa do subsídio litúrgico encontra-se disponível em www.arquidiocese-braga.pt/liturgia/

“Os discípulos acreditaram n’Ele”

SEGUNDO DOMINGO
ANO C - 2022



LABORATÓRIO DA FÉ



NOMEAÇÕES ECLESIASTICAS

D. Jorge Ferreira da Costa Ortiga, Administrador Apostólico da Arquidiocese de Braga, por mandato da Santa Sé Apostólica;

Perante novas necessidades pastorais e procurando responder às suas exigências, procedo às seguintes nomeações:

- Diácono Fernando Luís Barroso Gonçalves, nomeado Director do Gabinete de Restauro (IHAC) da Arquidiocese de Braga;

- Padre Cândido Armindo da Silva Magalhães, nomeado Reitor do Santuário de São Bento das Pêras, paróquia de São Miguel de Vizela e Tagilde, Arciprestado de Guimarães e Vizela, Arquidiocese de Braga.

Braga e Cúria Arquiepiscopal,
6 de Janeiro de 2022
† Jorge Ferreira da Costa Ortiga,
Administrador Apostólico

DIA DO COORDENADOR ADIADO PARA 29 DE JANEIRO

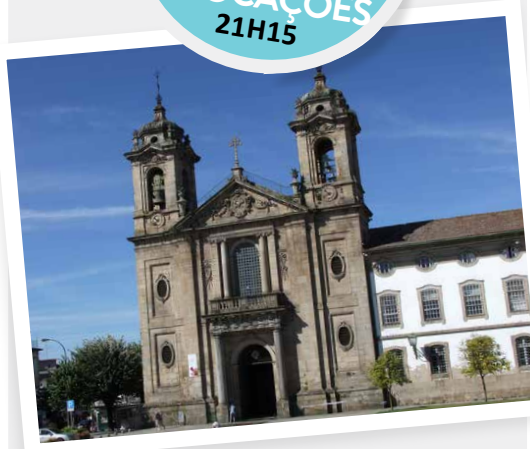
O Dia Arquidiocesano do Coordenador foi adiado e passa a realizar-se a 29 de Janeiro, com o mesmo programa. O encontro será subordinado ao tema "À procura de Ser Igreja Samaritana, ligando feridas". A iniciativa decorre no Espaço Vita. A participação presencial será limitada, sujeita a inscrições e com obrigatoriedade

de apresentação de certificado de vacinação válido ou teste negativo (excluem-se os auto-testes). As inscrições devem ser atempadamente realizadas através do formulário disponível através desta notícia no site da Arquidiocese de Braga. Haverá também a possibilidade de assistir online, através das redes da Arquidiocese.

AGENDA
Viva

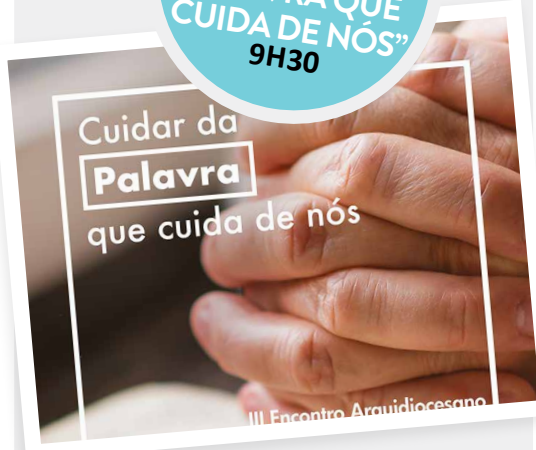
6 JAN

IGREJA DO PÓPULO (BRAGA)
MOMENTO DE ORAÇÃO PELA VIDA E VOCACÕES
21H15



22 JAN

ESPAÇO VITA
"CUIDAR DA PALAVRA QUE CUIDA DE NÓS"
9H30

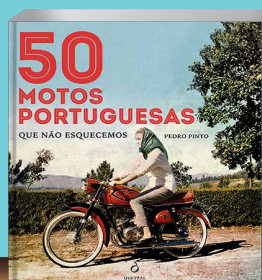


LIVRARIA
DIÁRIO DO MINHO

10%
Desconto*

LIVRO DA SEMANA
24,9€

50 MOTOS PORTUGUESAS QUE NÃO ESQUECEMOS
PEDRO PINTO



Uma lista arriscada e original: as cinquenta grandes motos concebidas e fabricadas em Portugal. Um registo para amantes de motos – e da nostalgia portuguesa.

Compre online em
www.livrariadm.pt

* Na entrega deste cupão.
Campanha válida de 6 a 13 de Janeiro de 2022.

